

VIDENTE? DE ULISSES AO NOSSO TEMPO HIPÓTESES PSICANALÍTICAS¹

ANTHONY MOLINO – Esta mesa redonda virtual nasce da prática comum da psicanálise, da paixão compartilhada pela arte e do interesse que todos nós temos pela figura de Ulisses, celebrada na imponente exposição de Forlì (2020), intitulada “Ulisses. A arte e o mito”, organizada por Francesco Leone.

Nossas orientações teóricas se revelarão à medida que avançamos, mas quero começar com uma reflexão que talvez revele, em parte, a minha. Como bons psicanalistas, começamos pelas origens. Ulisses, Odisseu, deve seu nome, segundo o livro 19 da Odisseia, ao avô materno, Autólico, que quer que o nome do neto “comemore” seu ressentimento em relação aos homens e mulheres, pelos quais ele foi “muito irritado” (Note-se que o nome da mãe, Anticleia, presumivelmente imposto pelo próprio pai, parece significar sem fama).

Essa primeira impressão sempre me fascinou, esse molde do chamado “desejo do outro” sobre nossas vidas. Conhecemos o Ulisses poliédrico, aventureiro, estrategista genial, nostálgico, até mesmo cínico... mas será apenas sua irônica zombaria que o faz dizer ao enganado e cego Polifemo que se chama Ninguém? Ou poderia ser, essa proclamação, esse brincar com seu nome, também um espião de seu senso de identidade?

PAOLA BORSARI – Acredito que dar um nome a um filho tem várias valências. A primeira, na minha opinião, nasce da cultura social da época; a segunda, de dar continuidade a uma tradição familiar, e dentro dessas identidades – sociofamiliar e pessoal – o pai escolhe qual nome dar ao filho. Naquele tempo descrito por Homero, a guerra era a condição existencial normal. Pequenos reinos se formavam e, portanto, se expandiam, e diferentes culturas primeiro se confrontavam e depois se integravam. A guerra, portanto, definia identidades que impregnavam a sociedade e contribuía, conseqüentemente, para a definição da identidade individual, dos homens e das mulheres.

Ulisses era um homem muito complexo, e isso faz parte de seu fascínio até hoje. Continua a inspirar gerações e, não por acaso, a exposição de Forlì destaca como a visão de sua figura foi capturada ao longo dos séculos,

1 Esta mesa redonda virtual se desenvolveu por correspondência em 2021. Foi publicada pela primeira vez na seção “Conexões” da revista online de arte e psicanálise *Aracne* (2021) e no livro editado por Anthony Molino intitulado *As jangadas de Ulisses. Dez psicanalistas interpretam os lugares, as mulheres, os mitos da Odisseia* (Poiesis Editrice, 2023). É aqui publicada pela primeira vez em tradução, por cortesia da editora italiana Poiesis.

necessariamente de maneira parcial, dependendo da época. Cada século captou, de fato, peculiaridades do mito que estavam em sintonia com suas próprias conotações identitárias, específicas e caracterizadoras.

O nome de Odisseu, dado pelo avô, tem um chamado duplo: odiar os homens, mas também ser odiado. Não podemos esquecer a origem mítica ancestral do herói: ele foi profundamente odiado por Perséfone, que lhe causou os piores sofrimentos e peripécias. Essa dinâmica exemplifica o mito da época: ou seja, do deus que odeia e do herói que luta para sobreviver a esse ódio. A mitologia grega nos posiciona diante dos sentimentos humanos primordiais, aqueles que, ao longo do tempo, pela evolução da civilização, são melhor contidos e regulamentados por meio das leis. As primeiras leis foram feitas em Creta e diziam respeito da família e as posses (propriedade privada).

O nome da mãe de Ulisses, é claro, também se origina da cultura da época. Não se deve esquecer que, para encontrar a força para continuar sua jornada, ele desce à Ades para questionar Tirésias sobre seu futuro; e lá também encontra sua mãe, que lhe mostra o caminho para Ítaca. É uma passagem extremamente comovente em que o herói tenta, inutilmente, abraçá-la três vezes. Esse episódio, como a descrição do desembarque de Odisseu em Ítaca, também marca a importância dos laços afetivos em sua vida.

LUCA CALDIRONI – Pontalis escreveu: “São necessários muitos lugares dentro de si para ter alguma esperança de ser um mesmo” (1990). A própria figura de Ulisses não prescinde do mito, nasce do mito, assim como a psicanálise. O mito de Édipo se apresenta como triangulação fértil para o pensamento analítico. Uma busca insaciável por pensabilidade que parte da pesquisa de suas próprias origens, portanto, é a partir delas que se parte. Cada um é fruto de sua própria história, mas, quando essa história se entrelaça com o mito, esse cada um assume também um valor universal. Não devemos esquecer que a palavra universal tem uma direcionalidade implícita, tem um “un-verso”.

Voltemos agora a Ulisses. Quem era sua mãe? E o que o mito nos conta sobre seu pai? É interessante porque a mãe Anticleia se casará com Laertes, mas, nesse caso, o mito põe uma pulga atrás da orelha... Anticleia parece ter tido um amante, Sísifo, que seria o verdadeiro pai de Ulisses.

Mais uma vez, na jornada psicanalítica, assim como na do nosso herói, o caminho só pode ser “tortuoso”. Uma mãe que, não suportando a notícia (falsa) da morte do filho, porá fim à sua vida e com quem o filho poderá se reunir, mesmo que apenas por um momento, após outra viagem, dessa vez xamânica, ao Hades. Mas quanto há também de Sísifo em Ulisses? Não

apenas em relação à astúcia, mas também na condenação à qual está submetido, vislumbra-se algo em comum. Mais uma vez, sugestões são ativadas e se entrelaçam, cortando transversalmente as diferentes áreas do conhecimento.

Ulisses, afinal, representa um herói moderno, um condutor para a modernidade, como sugere Paola Borsari. É uma figura complexa, capaz de usar diferentes linguagens. Pode falar com os deuses, que lhe são “tangenciais”, assim como se relacionar com povos que pertencem a outras épocas, a meio caminho entre a idade de ouro e o novo mundo. Sua arte dialética e seu *tekno* permitem que ele saia vitorioso nas diversas provas que terá que enfrentar. A narrativa que Ulisses nos propõe através de sua jornada apresenta muitos níveis de leitura, tem uma profundidade psicológica rica em “chiaroscuro” que marcam diferentes níveis dentro da alma dos personagens e da não linearidade de sua história. Este é um elemento narrativo que se entrelaça tanto com a narração que ocorre na análise quanto com o processo criativo. Ulisses nos mantém sempre suspensos. Sua arte da referência cria um suspense que tem no disfarce e no esconderijo sua constante. Mas isso também não representa a presença querida à arte e própria da “revelação” do processo analítico? Quantos esforços e medos serão necessários atravessar antes de poder dizer o próprio nome?

Dizer o próprio nome não é um processo fácil, tem um custo, mas se torna indispensável para se tornar e ser o testemunho de si mesmo. Assim como Ésquilo, Ulisses também aprende a se conhecer através do sofrimento. São justamente as dolorosas estratificações do *mathei páthos*² que se acumulam uma sobre a outra que lhe conferem aquelas qualidades de sustentação obstinada e corajosa que temperam sua tenacidade, seu perseverar. Era nesta componente que eu parecia vislumbrar uma qualidade comum com Sísifo. Aquele esforço obstinado que vence o improvável que é o viver e que, ao recomeçar e ao sentir que pode fazê-lo, retira uma energia sempre renovada. Ulisses se compacta com o próprio destino, não se rebela contra ele, mas o suporta com uma tenacidade silenciosa que nunca é rendida. “Proteicamente”, ele se transforma, com metamorfoses que não se limitam apenas a usar máscaras, mas envolvem todo o seu ser, até as raízes mais profundas de sua alma. Assim como seu nome não é pronunciado, seu rosto não pode ser mostrado. Sua identidade precisa ser protegida e escondida sob muitas outras, mas Ulisses está sempre lá, sob

2 *Mathei pathos* significa aprendizagem através do sofrimento. A referência é ao Agamemnon Ésquilo, quando o coro entoia o famoso hino a Zeus que fecha com versos: “A Zeus que iniciou mortais/A ser sábio, que colocou como lei válida/ sabedoria através do sofrimento”.

cada uma delas, está ele, junto com sua sombra... um ninguém e cem mil, como Pirandello diria.

AM – Do nome à jornada. Ou melhor, ao exílio. Ambas aludem à modernidade da figura de Ulisses, e ambas fazem referência à visita de Ulisses à mãe Anticleia no Hades. Suas peripécias, o ansioso retorno à mãe-terra, Ítaca, contam uma jornada de vinte anos que leva o herói, finalmente, a “reivindicar” sua terra, suas origens. A reivindicá-las e assumir plena responsabilidade por elas. (Lembra-nos o junguiano James Hillman³ que, assim que chegou a Ítaca, Ulisses se sentiu um fracasso...) O processo não é diferente da jornada analítica; aliás, Ulisses muitas vezes é considerado o mito analítico por excelência. O que vocês pensam sobre isso?

PB – A grandiosidade da Odisseia, como afirmou Fabrizio Paolucci em um ensaio escrito para o catálogo da mencionada exposição em Forlì no ano passado, reside em ter expandido a figura de Ulisses. Paolucci escreve: “Sua figura escapa àquela casuística restrita de virtudes guerreiras na qual todos os heróis gregos que vieram lutar sob as muralhas de Troia estão classificados” (2020, p. 21). Dessa forma, Ulisses se torna um herói humano, assim como cada um de nós pode ser “herói” de sua própria vida, na medida em que consegue sair de seus próprios padrões, das imagens que tem de si mesmo, para entrar com liberdade na grande aventura da existência, de sua jornada existencial. Ulisses, sua modernidade, é um mito eterno, assim como é eterno o mito do homem: um mito que se revela com a progressão das experiências que a vida, nossa jornada, a cada momento nos apresenta desafios que devemos enfrentar.

A perspicácia de Ulisses, sua inteligência, o contato com seus impulsos primitivos (às vezes deixados emergir, outras vezes dominados pela força da razão), sua liberdade em dar espaço a emoções e afetos que se alternam no percurso de sua longa e perigosa jornada, fazem dele o protótipo da complexidade humana. Ulisses participa ativamente na guerra catastrófica de Troia, pondo em jogo todas as suas habilidades físicas e mentais, visando a vitória; e, por fim, faz os gregos vencerem, usando a astúcia, junto com o engodo: ou seja, inventando o Cavalo de Troia. Ulisses não apenas revela a plenitude da mente humana, mas também a de um corpo pronto para os desejos sexuais: um corpo que conhece o prazer e põe sua vitalidade em jogo em todas as ocasiões, em paz como na guerra, enfrentando mil dificuldades. E sua resiliência,

3 Hillman, ao contrário das teses aqui defendidas, no seu livro *Ensaio sobre o puer* (1988) vê Ulysses não como um paradigma do herói, mas como uma expressão do arquétipo do puer aeternus.

como diríamos hoje, permanece desafiadora, tanto da luta árdua quanto da dor. Como Sísifo, aliás, que Luca cita corretamente. Corajoso, sempre pronto para o desafio, aberto aos muitos mundos possíveis – desde o encontro com Polifemo até o encontro com as enganosas Sereias, até a multifacetada maga Circe – Ulisses põe em jogo cada aspecto de si mesmo. Ele enfrenta abertamente sua própria raiva, assim como seus medos, suas fraquezas, como uma série infinita de tentações; apenas para continuar “a jornada”, está disposto a sofrer derrotas, mas para depois recomeçar, sempre.

O mito de Ulisses é o da vida, da jornada maravilhosa e surpreendente que, para ser vivida plenamente, precisa não apenas de coragem inextinguível, mas também de valores e significados profundos. Podemos resumir isso com o que Dante escreveu, fazendo Ulisses dizer no canto xxvi do Inferno: “Não fostes feitos para viver como brutos, mas para seguir a virtude e o conhecimento”. A viagem mais extraordinária que cada um pode viver é, sem dúvida, aquela dentro de si mesmo, conjugando circunstâncias externas e realidades cambiantes com as próprias multiplicidades de ser. Para alguns, “a jornada” é realizada em solidão, como fez Ulisses; para outros, é necessário ser acompanhado na descoberta de si mesmo. Em tais casos, a jornada psicanalítica pode levar à exploração de nossos próprios mundos, mas desconhecidos. Uma jornada que requer a presença de um experiente guia, um analista, também ele corajoso, emocionalmente rico e inteligente, sábio e sensato. Em poucas palavras, uma mente complexa que se coloque totalmente à disposição do viajante. Assim como Dante foi acompanhado por Virgílio para enfrentar o inferno e o purgatório, e mais tarde – para enfrentar o paraíso – primeiro por Beatriz e depois por São Bernardo, que o conduz à visão de Deus.

LC – A associação que agora me ocorre, fatalidade, como dizem no dialeto veneziano, é o nome do divã que tenho em minha sala de análise há mais de trinta anos. De fato, o chamei de Ítaca. Uma coincidência curiosa. Também na jornada analítica, avançamos por aproximações progressivas, e Ulisses, nisso, é um mestre. Um mestre na arte da aproximação. É uma jornada assintótica, onde, no exílio, há a promessa de um retorno. Um retorno para onde? Talvez para muitos lugares e através de muitos lugares, que, como imagens reais e literárias, circunscrevem um percurso aproximado. Sempre há uma “lacuna” nunca completamente preenchida, irreduzível, seja entre o artista e sua obra, seja, mais geralmente, entre o objeto e aquele que o observa.

Mas voltemos ao exílio e à ligação indispensável que existe entre nós e nossos lugares. A esse respeito, Julia Kristeva escreve:

A psicanálise me levou a pensar que é o exílio que me constituiu; não a pertença. Nossa verdade (a minha e, ousaria dizer, a verdade de cada um) não consiste na pertença a uma origem – embora ela exista e deva ser reconhecida – mas na capacidade de se exilar, ou seja, de se distanciar de sua origem. A origem é uma mãe, uma língua e uma biologia, contudo, reconhecendo-as, nos tornamos nós mesmos no momento em que nos libertamos delas. ... é uma liberação sem fim ... O exílio é um processo de sofrimento, por um lado, e, por outro lado, de escolha, mas é um caminho, uma jornada infinita ... Temos nossos pais, mas os deixamos e nos encontramos constantemente entre duas famílias, dois grupos. Essa peculiaridade de nosso ser pode se tornar um sinal de escolha porque, ao nos abirmos para o outro, somos obrigados a recomeçar nossa vida com explorações sempre novas que são nossas criações. (2001)

Esta citação de Kristeva nos leva, através da viagem e esta citação de Kristeva nos leva, através da viagem e o exílio, para nos fazermos uma pergunta que não pode ser evitada, como aquela que fez aquele oráculo, vidente e poeta que era Borges, quando, ao trazer um Ulisses agora reconhecido e revelado pelo amor de sua esposa, questiona-se sobre onde está agora o homem-nenhum:

onde está o outro, o homem
 Que nas noites e dias do exílio
 Vagueava pelo mundo como um cão,
 Dizendo a todos: meu nome é Ninguém?

Não podemos chamar isso de astúcia, mas podemos imaginá-lo como uma declaração forte que nos diz que apenas aquele que é tudo pode se tornar Ninguém. Abre-se uma concepção labiríntica do tempo em que é difícil não se perder, no qual uma bússola é necessária para esse propósito...

AM – Enquanto leio e penso sobre suas reflexões, ouço a trilha sonora de um filme de Theo Angelopoulos intitulado precisamente “O olhar de Ulisses”, vencedor em Cannes em 1995. Vou por associações, e enquanto ouço, lembro-me das palavras de Riccardo Muti, que em um livro-entrevista com Massimo Cacciari, intitulado *As sete palavras de Cristo*, diz:

“Eu sempre pensei que no universo existe uma matéria sonora, que se propaga em ondas e vibra por toda parte, nos atravessando a todos... uma harmonia mundi.” A música como mito, eu penso, no meu desejo de comunicar

de alguma forma as músicas de Eleni Karaindrou e Kim Kashkashian, que servem de trilha sonora para o filme de Angelopoulos.

Chego à minha pergunta. Hoje, em nosso mundo de uso e descarte, quando os “novos demandantes” – como são chamados os pacientes modernos pelo colega lacaniano Franco Lolli (2019) – pressionam por intervenções rápidas e incisivas, que parecem negar a priori toda complexidade, se não até mesmo o pensamento (quanto mais o inconsciente!), ainda faz sentido a figura de Ulisses? Aquele mito dele feito de tempo, amassado com matéria temporal, para transpor o pensamento de Muti, ainda é clinicamente relevante e possível de ser proposto?

PB – Acho muito bonita a introdução à sua pergunta, que é totalmente relevante e pertinente à época atual, especialmente ao momento que estamos vivendo. Sim, eu digo momento porque, na história secular do homem, nossa época é apenas um momento, mas nele explodiu a parte mais destrutiva e perversa do ser humano. Se pelo menos uma parte da humanidade souber usar a força do pensamento, como Ulisses era capaz de fazer, após cada naufrágio, mesmo que metafórico, um novo homem poderá nascer das ruínas de Troia, carregando consigo suas próprias experiências, e retornará a Ítaca encontrando paz e segurança.

Não devemos esquecer, de fato, que o mito de Ulisses surge das ruínas de uma guerra, onde o único pensamento é obstinadamente destrutivo; vencer matando. Era tão diferente, então, daquele momento atual? Mas do final dessa tragédia emerge Ulisses, assim como a Odisseia, com seus tempos longos e bastante complexos; onde os seres humanos, para voltarem para casa, para Ítaca, precisam enfrentar, em primeiro lugar, suas adversidades interiores e apenas depois as externas.

A Odisseia, repito, tem o ritmo dos tempos longos, assim como a exposição em Forlì, que se desenrola ao longo dos séculos para narrar como, ao longo do tempo, foram capturados os diferentes aspectos de Ulisses, destacando a complexidade de eventos adversos que, não sem dificuldades e contradições, ele soube superar. E como Ulisses, cada ser humano, para revelar sua extraordinária complexidade, precisa do longo tempo da vida. Algo que também requer a análise, que tem na profundidade do tempo sua grandiosidade.

Um dia, uma paciente ateia me disse que a análise é como uma catedral gótica. Que metáfora extraordinária! O homem moderno, deslumbrado e atordoado pela tecnologia, se ergue narcisisticamente como o único deus no universo, enormemente só, na verdade miseravelmente vazio. Sem mitos, sem

deuses, nem lares. Esses tempos pandêmicos claramente nos mostraram como essa deidade atemporal, a-mítica, levou a humanidade à beira do abismo. Isso aconteceu várias vezes no percurso de Ulisses, que, a cada vez, ressurgiu do abismo, trazendo consigo o mito e os Lares; e voltou para Ítaca, à essência da vida, onde encontrou as virtudes do amor que tinham se oposto tenazmente à violência dos Proci.

O momento atual nos trouxe violentamente de volta à realidade; tirou o Ocidente de um sonho materialista e sem pensamento, um sonho considerado eterno. Os poucos que tiveram, ou ainda têm, a sorte, por diversas razões, de não serem condicionados por essa perversa pseudo-cultura – que, disfarçada, é na verdade funcional para o aniquilamento de emoções e pensamento – existem ainda hoje. Novos Ulisses, complexos e extraordinários, esses poucos sabem enfrentar os novos desafios desta era, como a já presente era da inteligência artificial...

No fundo, a história se repete. E felizmente, neste mundo tecnológico difícil, há também a psicanálise, com toda a sua riqueza inestimável. Um auxílio ainda subestimado demais, para que o homem possa recuperar sua multifacetada humanidade. Por isso, acredito que a psicanálise tenha a responsabilidade e o dever de carregar a tocha do pensamento e, por suas peculiaridades, pode ser relevante para nos reorientarmos em direção a Ítaca.

Muitas vezes, através da análise, sabemos que pessoas extraordinárias florescem. E eu confio nesses Ulisses modernos, que assumam o comando do barco e dos marinheiros contemporâneos; que juntos saibam enfrentar as Sereias e possam subjugar o Ciclope. Estamos recuperando, em parte já estamos recuperando, o sentido do tempo, do pensamento e, insisto, de nossa intrínseca complexidade.

LC – Pegando emprestado o termo “novos demandantes”, imediatamente me lembro do aforismo de Maurice Blanchot, “A resposta é a desgraça da pergunta”. W. Bion usa essa expressão para dar valor ao fato de que as perguntas podem permanecer suficientemente “insaturadas” para dar espaço a uma dimensão adicional e interlocutória. Que possam, portanto, ter uma “função sonda”. Mas sabemos também o quão difícil é, na era em que vivemos, seguir por caminhos laterais, observar as sombras das coisas. Todas as operações que podem produzir essa ressonância “multisensorial”, que, como a música, estimula e acompanha nossa capacidade de reflexão.

É um conceito caro a Bion, que o aprofundou, usando uma teorização de Keats, falando sobre a “capacidade negativa”. Coincidentemente, também

aqui, um poeta nos vem em auxílio! O que significa capacidade negativa? Cito Bion: “aquela capacidade que um homem possui de perseverar nas incertezas através dos mistérios e dúvidas, sem se entregar a uma agitada busca por fatos e razões”. Essa modalidade de abordar os problemas, procedendo, em termos náuticos, por “bordas”, permite manter vivo o espaço para pensar.

A. Lancet, há cerca de um ano, no artigo “Psychoanalysis in combatting mass non adherence to medical devices”, destacava-se como os mecanismos psíquicos de defesa, como a “negação”, a “recusa”, a “repressão” e até a “banalização”, podem influenciar não apenas os comportamentos individuais, mas também os sociais. Isso gerou um apelo daqueles que lidam com os mecanismos inconscientes para enfrentar não apenas o que estamos vivendo atualmente, mas também as correntes emocionais que atravessam nossa sociedade de maneira mais geral. Uma ajuda para ter a capacidade de imaginar e pensar em um futuro que não esteja já comprometido pelo passado e pelo desejo de que “tudo volte como era antes”. Um futuro que tenha a coragem de ser pensado com criticidade, sem cair em curtos-circuitos ditados pelo medo, pelo medo do novo ou, em geral, pelo medo da “mudança/mentes”.

AM – Parece que você está antecipando, Luca, reflexões devidas e necessárias sobre a pandemia que aflige todo o planeta. Para permanecer no tema de Ulisses, penso em sua estadia na ilha de Circe, na transformação de seus companheiros em porcos e outros animais selvagens, na simbólica brutalidade deles e na pena de Ulisses por permanecer estranho a eles. Penso em Ulisses que se isola e se acomoda e que, apenas sob pressão de seus companheiros transformados novamente em humanos pela feiticeira, cede ao desejo deles de partir. Dura um ano o tempo deles na ilha de Cólquida antes que Ulisses possa retomar a viagem, não antes de Circe – filha, segundo uma tradição, do Dia e da Noite – aconselhá-lo a visitar o Submundo. O mito parece poder falar ao nosso tempo, então convido algumas reflexões de vocês sobre os efeitos da pandemia, do isolamento social e afetivo, da brutalização cultural que estamos vivenciando. Nossos governantes não parecem suficientemente sensíveis às graves consequências psicológicas e emocionais da pandemia sobre a população: desde crianças não socializadas até idosos abandonados em lares de idosos, passando por adolescentes obrigados a ficar em casa, mulheres sujeitas a acrobacias exaustivas entre casa e trabalho (se houver trabalho), até as vastas fileiras de pessoas desempregadas ou forçadas à imobilidade, chegando ao predomínio das formas virtuais de comunicação. Violência doméstica, distúrbios

alimentares, depressão e muitas outras formas de angústia estão notavelmente aumentando. O que vocês acham?

PB – Em relação à tragédia humana que, especialmente, o Ocidente está vivendo, tenho dificuldade em falar sobre o sofrimento que nos permeia. Não quero evitar sua pergunta, Tony, mas a dor e a preocupação são intensas. Pessoalmente, para me consolar nesses tempos, de vez em quando, ouço a recitação de Giorgio Albertazzi na adaptação de *Memórias de Adriano*.⁴ Recomendo ouvir, você pode encontrá-lo facilmente online. São palavras, aquelas de Yourcenar (1963), que respondem melhor do que eu poderia neste momento.

LC – Vindo para os dias atuais, já há algum tempo estamos imersos em novas formas de comunicação que a situação da pandemia exacerbou e consolidou. Fico pensando e pergunto: como valorizar a expressão que Saint-Exupéry faz o Pequeno Príncipe dizer, ou seja, que “O essencial é invisível aos olhos”? Com que olhos devemos olhar? E com quais ouvidos ouvir? Com que tipo de informação estamos confrontados? E quanto esses novos modelos de informação e as maneiras de veiculá-los exigem um exercício contínuo de nossas faculdades críticas?

Devemos vigiar, acredito, sobre nossa liberdade de pensamento que, auxiliada pelo senso de responsabilidade individual, se estende dentro de uma ética social. Um processo não fácil e não garantido, mas que, se praticado, usando exemplos práticos, pode nos ajudar a garantir que:

O medo não se torne “pânico”

A ansiedade não se transforme em “angústia”

A preocupação não se torne “depressão”

As restrições não sejam vividas como “perseguições” ou “conspirações”

Se mantivermos esses pontos em mente, podemos formar, referindo-me ao social, grupos de pessoas que eu chamaria de “agregações benévolas”, no sentido de possibilitar a colaboração para superar crises e abrir-se para novas perspectivas.

Essa forma de agregação serviria como defesa em relação a outras, que eu chamaria de “agregações malévolas”, sempre em busca de um bode expiatório e de soluções em que a inibição do pensamento precipita perigosos curtos-circuitos de ações/não pensadas.

4 O livro foi magistralmente adaptado para o teatro por Albertazzi, que o encenou pela primeira vez em 1989 em Tivoli.

Partindo do que acontece com o vírus, e com os vírus em geral, pensemos na diferença entre a possibilidade de uma “mutação letal” e a possibilidade de conquistar uma “maturidade existencial”. Quando penso em maturidade existencial, penso em uma possibilidade mais madura de olhar para nossas vidas, não apenas individualmente, mas também em relação à passagem geracional. Transformar o “vírus” em um “germe” de vitalidade, com novas formas de linguagem que não surgem apenas porque somos forçados ou obrigados a fazê-lo, mas porque sermos forçados pode ajudar a ampliar o horizonte e a capacidade de imaginar.

A criação de um espaço agregado centrado em nós mesmos prevê a capacidade de aceitar o sentimento de solidão, dor e incerteza. Aceitar a frustração e a angústia ligadas ao abandono dos antigos esquemas e paradigmas pode, aos poucos, e se cultivada com benevolência recíproca e aceitação, dar origem a novas ideias e hipóteses. Um novo paradigma só pode ser aceito se encontrar espaço em grupos de trabalho capazes de acolher esse sentimento de vazio e dispersão que acompanha a mudança que estamos vivendo. Ou seja, como Bion ainda diz, capaz de aceitar a experiência daquele “No-Thing” que é totalmente diferente de “Nada” (nada, nada). De aceitar aquele estado de “vazio”, de “ausência”, de Não-Coisa (No-Thing), que nos confronta com os limites do nosso conhecimento, sem o anular em precipitados “apagamentos” (“Nada”).

E é assim que pelo caminho de Ulysses que deixa a ilha de Circe se faz uma viagem através do tempo, o tempo da nossa existência, na qual caminhamos sempre no “limiar”, na cesura de uma passagem. É a nossa margem, e a nossa consciência da nossa “marginalidade”. É a linha de sombra de Conrad, um horizonte que se abre diante de nós e que espera que nos tornemos seus intérpretes. Processo que leva tempo e vida real, como Ulisses, que, em sua viagem ao Ades – onde procede por indicação de Circe – deve oferecer sangue vivo aos fantasmas que encontra. Mesmo os encontros com os nossos fantasmas requerem vida e tempo para se poderem transformar em palavras, para se tornarem uma narrativa, tanto do encontro conosco próprios como do encontro com o Outro.

AM – Gostaria de encerrar esta fascinante exploração com uma pergunta pensada especificamente para cada um de vocês, para chegar a uma visão ainda mais complexa e, se possível, articulada da figura de Ulisses, e sua relevância para a psicanálise. De fato, embora em linhas largas, gostaria de tratar e ler essa figura, com a sua contribuição, num contexto relacional, familiar e, porque não, também transgeracional.

Me traz muita satisfação, Paola, que ao falar do retorno de Ulisses a Ítaca você invoca as “virtudes do amor que se opuseram tenazmente à violência dos Proci”. Não se pode falar de Ulysses sem falar do amor, e do universo feminino que povoa a Odisseia. Falamos de Circe, e da mãe de Ulysses, Anticlea; mas quantas outras mulheres constelam a epopeia homérica! Em Ítaca encontra a fiel, paciente e astuta Penélope, mas também sua antiga ama de leite Eurícula; menciona as Sereias, mas a elas se somam às ricas e variadas figuras de Calipso, Nausicaa e a própria deusa Athena, protetora do herói.

Um junguiano gostaria de declinar, imagino, os valores arquetípicos destas extraordinárias figuras femininas. Mas nessas relações com o sexo oposto articulam-se, as formas de ser do homem, bem como as concepções da mulher, que penso que ainda são atuais. Aqui, te peço Paola, uma reflexão sobre esta galáxia feminina que não é composta por meros figurantes, mas por mulheres completas. E, conseqüentemente, para falar também sobre o tema do amor....

A você Luca, proponho uma pergunta complementar. Nos últimos tempos, a figura de Ulisses foi indiretamente recuperada à psicanálise por Massimo Recalcati, que cunhou o chamado complexo Telêmaco, em um livro com o mesmo nome. Já o subtítulo do livro, “pais e filhos após o anoitecer do pai”, equipara a errância do herói ao que hoje chamaríamos de pai ausente, senão de abandono mesmo. Sem fazer um reducionismo fácil, a figura de Ulisses se presta de forma quase comparável à famosa tese de Recalcati, que vê nossa contemporaneidade esvaziada de uma Lei, encarnada durante séculos na dimensão paterna e pelo terceiro que dela resulta, que pode estruturar o desejo do ser humano. Falamos também do pai Ulisses, portanto, mas de uma forma mais marcante também do seu filho, Telêmaco: do seu horizonte, da sua expectativa, do seu – e do nosso – futuro de seres comprometidos (talvez) na capacidade humana de desejar ...

LC – O tema fascinante da identidade volta novamente a ser reproposto dentro da transmissão entre gerações. Você menciona com razão o chamado complexo Telêmaco como uma expressão de uma “contemporaneidade esvaziada de uma Lei” e, portanto, epifania de mudanças relacionais. Voltando ao mito e ao lugar que este ocupa na história do homem, posso dizer que tanto o complexo Edípico como o de Telêmaco habitam, precisamente, a complexidade. Uma complexidade de conteúdos psíquicos conflituosos que transcendem a história e que se inscrevem como funções, dentro de uma matriz relacional.

Gosto portanto, de imaginar que Édipo, Telêmaco, Narciso, são todas configurações psíquicas em devir, intercambiantes e transitando em nossas vidas. Telêmaco e Ulisse também são, respectivamente, filho e pai ao mesmo tempo. É por isso que concordo com Recalcati quando escreve que “raízes não selam a identidade, mas devem ser cada vez retomadas por um movimento de errância”. São entidades dinâmicas e bidirecionais que dialogam entre si e, ao fazê-lo, criam e recriam um “recipiente / conteúdo” que, tomando emprestado o conceito de capacidade negativa Bion, favorece a expectativa criativa que, apoiada pela “fé” na pesquisa, nos acompanha no processo de autorreconhecimento e reapropriação da capacidade de escolha.

Voltando agora à figura de Telêmaco, por onde começar? Já o próprio nome, que o pai lhe imprimiu, profetiza uma “distância” e uma “batalha” (tele-maco, ou “aquele que luta de longe”). Mais uma vez, as duas figuras se sobrepõem. Telêmaco está numa espera participativa de algo/alguém que volte do mar; Ulisses igualmente, nas suas de/rivas de aproximação progressiva. Eu não gostaria que essas imagens bi-direcionais e transitivas pudessem escapar ao pedido de coleta de traços diferenciais úteis para a semiótica do processo. É importante habitar a “caesura” necessária para evitar a “especularidade” narcísica que correria o risco de tomar o lugar da diferença geracional. Ao mesmo tempo, esta é uma cesura que também nos protege do estupro e assassinato do Outro, como acontece com Édipo. Cria-se uma área de transição onde se pode reconhecer a alteridade dentro de diferentes identidades. E se isso mostra a possibilidade de um pôr-do-sol da figura do pai, torna-se implícito para nós perguntarmos que “nascer do sol” esse pôr-do-sol pode nos trazer.

Winnicott empresta uma frase de uma bela poesia de Tagore: “na praia de mundos sem fim, as crianças brincam”, percebendo que é nessa área, na espera de um jogo, que a criança pode experimentar sua capacidade de ficar sozinha. Um jogo animado pelo desejo que permanece como testemunha e evidência da possibilidade de uma passagem. Uma passagem que não vê mais ou apenas uma figura paternal como juiz do bem e do mal, mas aquele ou aquela capaz, por meio do testemunho de sua própria vida, de enfrentar o problema do sentido da própria vida.

Essa figura de Ulisses pode ser lida em um contexto relacional, familiar e transgeracional, onde o amor desempenha um papel central. As mulheres na Odisseia, como Penélope, Circe e outras, são figuras complexas e poliédricas que contribuem para a riqueza da narrativa. O amor, entendido como uma força que guia e dá significado à jornada de Ulisses, se expressa de várias

maneiras por meio dessas relações femininas. É um amor que vai além do indivíduo, envolvendo a família e a comunidade.

A figura de Telêmaco, e o complexo de Telêmaco proposto por Massimo Recalcati, destaca o tema da figura paterna ausente e seu impacto na psique do filho. Ulisses, como pai, está em constante busca, em uma jornada que não é apenas física, mas também simbólica. Essa jornada reflete a contemporaneidade esvaziada de uma Lei, incarnada na figura paterna, que estruturou o desejo humano por séculos. Sua ausência deixa um vazio que Telêmaco deve enfrentar, e esse complexo se torna uma reflexão sobre a condição das relações parentais hoje. A figura de Telêmaco está intrinsecamente ligada ao desejo e ao futuro, criando uma perspectiva complexa e articulada sobre a figura de Ulisses e seu significado para a psicanálise.)

E é sobre esse testemunho e sua dificuldade que agora me detenho. É o testemunho de que viver o “desejo” não isenta do senso de responsabilidade. Operação nada fácil, a ponto de Freud mesmo nos lembrar que “educar”, “governar” e “curar” são três profissões impossíveis. Todos esses três “ofícios” co-participam do papel e da função paterna, e a isso eu acrescentaria também o “ser filho”, uma dimensão igualmente difícil de conquistar. Dimensão generativa, que, ao herdar um testemunho, faz com que o filho se torne um artífice por meio de sua própria conquista. Uma conquista, esta, de subjetividade que tem como consequência implícita a entrega a um desejo que tem sua força na inesgotável pergunta de autorrealização.

É essa pergunta que dá início à viagem que todo homem é chamado a fazer. Mesmo no caso de Telêmaco, é uma jornada que avança na dor, no medo, sustentada pelo desejo de um encontro que só ocorrerá quando o abraço dos dois “refugiados” e “viajantes” encontrar o tempo e o lugar do reconhecimento. A perda, portanto, implica um encontro; mas o encontro também é apenas dar vida ao que foi perdido... “O mythos deloi oti ...!”

PB – São muitas as perspectivas através das quais interpretar o significado das mulheres na Odisseia. No grande poema, a presença delas é relevante; e, por consequência, têm destaque na grandiosidade da vida de Ulisses, que é um grande homem, mas deve ao mundo feminino o fato de não ter permanecido um ser incompleto. Ulisses, de fato, chega até nós como um extraordinário guerreiro que, precisamente por meio das mulheres, se torna um homem: um homem rico em sentimentos variados, com notáveis conflitos interiores que, em última instância, o transformam no eterno mito humano que conhecemos. Um homem que navegou pelos mares em busca da vida, do amor, dos afetos

familiares, esses últimos defendidos tenazmente por Penélope, exemplo de uma força interior indomável que resistiu à violência cega e ao prazer perverso, encarnado pelos Proci, de destruir o lar. Sem as mulheres da Odisseia, Ulisses não teria atravessado os séculos, nem se tornaria o portador eterno dos símbolos da existência.

Neste momento histórico em que cada um de nós é constantemente chamado a escolher entre a vida e a morte, seja ela física, mental, afetiva ou social, gosto de reler a relação de Ulisses com as mulheres também nesse sentido. É por meio das mulheres que Ulisses escolhe entre a vida e a morte, entre a eternidade onipotente e a humanidade. Não mais como guerreiro, mas como homem, é por meio das mulheres que ele desce aos infernos da instintualidade, de um prazer que se encerra em si mesmo, despojando-o do pensamento, de seus sentimentos mais nobres, para ser reduzido a mera paixão e amores passageiros. Uma escolha tremendamente difícil, na maioria das vezes inconsciente. Mas ele acaba escolhendo Ítaca, e tudo o que essa meta implica, com grande força, coragem e determinação.

A jornada de Ulisses, que foge da devastação da guerra e da morte que ela propaga, é a história do guerreiro, por excelência. Dramaticamente, na batalha, ele escolhe a vida própria e de seu povo, causando também destruição e morte. Penso no cavalo, por ele idealizado, trazido astutamente ao coração de Troia, uma antiga modalidade comparável de certa forma à bomba atômica em Hiroshima e Nagasaki. O horror me invade, embora reconheça que, em ambos os casos, tenha cessado uma carnificina maior. A vida e a morte; ou melhor, a catástrofe absoluta. A morte, mas depois também o retorno à vida.

Para ser franco, Ulisses nunca está totalmente sozinho diante do próprio destino. De fato, Atena, como uma grande mãe onipotente e idealizada, o protege sempre. Na deusa, o mito condensa e identifica, de maneira admirável, as diversas, complementares e até opostas características afetivas e existenciais da mulher; ou melhor, da deusa e da mulher, que de maneira sobrenatural podem se unir e guiar o homem no contínuo fluxo da vida e da morte. Atena, como um objeto interno protetor e vital, salva Ulisses dos perigos de sua jornada existencial e o ajuda a voltar a Ítaca, a fim de reencontrar valores como a paz, o amor, a família: objetos também dessas memórias que mantêm firmes em sua mente o propósito da existência, salvando o herói de todos os tipos de adversidades, humanas e naturais. São as mulheres, as complexas e diversas figuras femininas, que salvarão o herói.

Atena salva Ulisses, entre outras coisas, da sedução de Circe, “deusa terrível com voz humana”, e de sua perversidade, que o teria reduzido, excitando

sua mais arcaica instintualidade, a um animal, escravo de seu prazer. Atena intervém com uma erva mágica, um antídoto que Ulisses aceita para permanecer homem, podendo assim libertar também seus companheiros de viagem da escravidão animal. Ao analisar bem, Atena se limita a lhe dar a ferramenta para se defender da sedução perversa. Na relação com Circe, emerge a plena humanidade de Ulisses, que, por meio de suas extraordinárias qualidades, consegue trazer a maga de volta à melhor parte de si mesma: ou seja, a de uma mulher que apoia o homem em sua jornada existencial. Em um admirável entrelaçamento entre os dois, movimentos afetivos intensos e controversos se dinamizam; ou seja, a vitalidade é gerada. Ulisses abandonará Circe, mas ondas tempestuosas o farão naufragar novamente. E quantas tempestades um ser humano deve enfrentar na vida, e quantos naufrágios! Quantas provocações deve enfrentar para poder chegar, como sugere Kavafis, à sua própria Ítaca.

Ulisses está terrivelmente sozinho em alguns destroços, à mercê das águas do mar quando encalha na praia da ilha de Ogígia. É lá que ele encontra Calipso, a deusa – poderosa, possessiva, sedutora – que se apaixona perdidamente por ele. A ilha é linda, rica em vegetação e águas, e a caverna de Calipso é um lugar encantador. Ulisses vive sozinho, em outra caverna, entorpecido pela beleza e pelo encanto da deusa; no entanto, ele permanece sofrendo. Não há guerras, tempestades, privações, perigos, mas, neste limbo, ele sofre imensamente de saudade: saudade de sua terra, de Penélope, de sua família. Sua vida está suspensa em uma espécie de limbo, muito amargo, e ele sente mais do que nunca o que realmente importa para ele. Ele chega a uma clareza cada vez maior sobre o verdadeiro sentido da vida, ao qual gradualmente chegou por meio de experiências e provas poderosas, desejadas ou sofridas; e ele tem certeza do que anseia. E então, Zeus, o destino favorável, vem em seu socorro. Ele ordena que Calipso o deixe partir e ela, desesperada, dilacerada, só pode obedecer.

Em um diálogo extraordinário com Calipso, que lhe oferece a imortalidade e a eterna juventude, surge a grande escolha de Ulisses, que aceita a própria humanidade finita, e com ela a morte. Limites nos quais se desenrola a vida, a de cada indivíduo que nasce na terra. E dentro desses limites de vida e morte, toda a existência se move, em um entrelaçamento de destino, fatalidade, complexidade, mas também de livre arbítrio. De escolhas possíveis. Como a de Ulisses, definitiva, de ser plenamente homem, e que, como tal, escolhe o amor por sua terra e por Penélope que, por sua vez, o ama intensamente. E escolhe o amor por sua família, entendida também nos termos próprios da psicanálise, da transgeracionalidade.

Ulisses não quer uma onipotência eterna, que para um homem só pode ser uma ilusão mortal. Ele retoma o caminho, mas um novo naufrágio o aguarda. Exausto e nu, ele chega à ilha dos Feácios, onde será acolhido e protegido por Nausícaa, a jovem filha do rei; Nausícaa, avisada por Atena, não o teme, mas o ouve e o veste, devolvendo-lhe a dignidade. E ela o faz contar, no palácio, ao rei pai, sua história gloriosa.

E mesmo o diálogo de seu encontro é extraordinário, de uma poesia altíssima e comovente, especialmente quando Ulisses, nu e necessitado, pergunta a Nausícaa: “És deusa ou mulher?” Mas Nausícaa é mulher, que corajosamente o acolhe e, tremendo, cuida dele. E ela cuida dele como uma mãe que recebe seu bebê recém-nascido, nu e chorando; e ele, Ulisses, revestido desse amor, parte em direção à vida. E partirá novamente, como todos nós, em direção a Ítaca.

Referências

- Hillman, J. (1988). *Ensaio sobre o puer*. Cortina.
- Kristeva, J. (2001). *No início era o amor. Psicanálise e fé*. Se.
- Lolli, F. (2019). *L'inattualità della psicoanalisi. L'analista e i nuovi candidati*. Poiesis.
- Paolucci, F. (2020). Introdução ao catálogo da exposição Ulysses. Arte e mito. *Os Mil Rostos de Ulisses. De herói aristocrático a Imago Christi*. Silvana.
- Pontalis, J.-B. (1990). *L'amore degli inizi*. Borla.
- Yourcenar, M. (1963). *Memórias de Adriano*. Giulio Einaudi.

Tradução de Flavio Verdini